Revelação

Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social

UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

Ano VI•nº249•Uberaba/MG•de 10 a 16 de junho de 2003

ESPECIAL

NAMOROS

Histórias, estilos e manias de quem ama

issuu-downloader.com

Editorial

A paixão

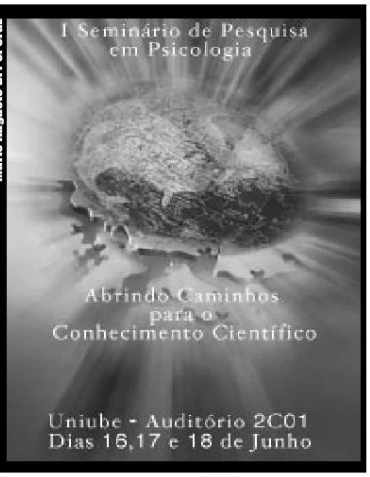
O primeiro significado que o Aurélio dá à palavra paixão é "sentimento ou emoção levados a um alto grau de intensidade, sobrepondo-se à lucidez e à razão". A julgar pelas matérias do **Revelação,** a paixão, de fato, não parece obedecer a nenhuma regra. E, muitas vezes, como quer o dicionário, ela sobrepõem-se à lucidez e à razão. Mas, e daí?

A paixão pode nascer de encontros ocasionais, de encontros repetidos, de qualquer encontro

A paixão pode nascer de encontros ocasionais, de encontros repetidos, de qualquer encontro. Nesses tempos modernos, até mesmo de encontros virtuais, através da internet, têm nascido paixões e relacionamentos. A paixão é o inexplicável, magia que ocorre entre pessoas parecidas e pessoas diferentes, colegas de profissão e pessoas, aparentemente, sem nenhuma afinidade, em áreas diferentes.

A paixão pode ser o caminho para um grande amor _ ou uma grande decepção. A faísca pode chegar a ser incêndio, ou não passar de um fogo que a brisa extingue. Cabe a cada qual desbravar essa trilha, que se renova a cada passo, e mantê-la acesa para descobrir se vale a pena.

O curso de Psicologia, através da Unidade Temática Produção do Conhecimento Científico em psicologia II, ministrada pela professora Gislene Macêdo, convida para o I Seminário de Pesquisa em Psicologia: "Abrindo caminhos para o Conhecimento Científico" , que acontece nos dias 16, 17 e 18 no auditório 2C01. Serão apresentadas 8 pesquisas desenvolvidas pelos alunos dos 2º e 3º período, que através de atividades teórico-práticas conheceram e aprenderam diferentes formas de fazer ciência em Psicologia.



Mário Augusto Di Poi Cruz

Agenda

Miriam Lins Caetano
7º período de Jornalismo

11/06 Solenidade de lançamento oficial da Campanha McDia Feliz 2003
Local: Sede da OASIS (Rua Miguel Abdanur equina com a Avenida Nelson Freire)

12/06 Noite dos Namorados
Jantar à luz de velas e desfiles de várias griffes em benefício à Casa do Menino e ADEFU (Associação dos deficientes físicos de Uberaba).
Local: Spasso Buffet.

11, 12, 13 e 14/06 - Cine Music Show
O evento inclui orquestra, coral, corpo de baile e vários solistas.
Local: Vera Cruz.

17/06 - Palestra com Lair Ribeiro "Prosperidade - Abundância ao seu alcance"
Horário:19:30
Local: Cine Teatro Vera Cruz.

OMBUDSMAN

O humanismo ameaçado

Newton Luís Mamede

Já escrevemos, neste espaço, há algum tempo, sobre o equívoco de dividir as ciências em *humanas* e as outras, como se "as outras" não fossem resultado do trabalho intelectual do homem. Comentamos, na época, sob o título *Cultura humanística*, a impropriedade do termo *humanas*, nessa classificação científica.

O momento histórico que estamos vivendo, em termos de cultura intelectual, ou de conhecimento científico, está conduzindo a uma espécie de resistência ao que se convencionou denominar *humanismo*, ou *ciências humanas*, no sentido tradicional e equivocado que se dá a essas expressões. Como as ciências ditas "exatas" estão "imperando" modernamente, influenciando mentes e consciências, exercendo o fascínio dos avançadíssimos engenhos tecnológicos aplicados em todos os setores da vida humana, os estudos das ciências chamadas *humanas* estão sendo despres-tigiados, ou, ao menos, "classificados" em segundo plano.

O momento histórico que estamos vivendo, em termos de cultura intelectual, ou de conhecimento científico, está conduzindo uma espécie de resistência ao que se convencionou denominar *humanismo*

Já o pensador católico Alceu Amoroso Lima, conhecido também pelo pseudônimo Tristão de Athayde, escreveu, ainda em meados do século passado, um livro intitulado *Pelo humanismo ameaçado*. Naquela época, já estavam ocorrendo as grandes transformações científicas e tecnológicas da atualidade, com as fantásticas viagens espaciais, os fascinantes progressos nas comunicações e todos os modernismos e avanços em qualquer forma de produção industrial. E já se percebia, ou se sentia a *ameaça* ao "humanismo", ao estudo e ao aprimoramento intelectual com base nos conhecimentos de ordem ou de natureza diversa dos de outras ciências, ditas "não humanas", ou conhecidas sob outras denominações ("exatas", "tecnológicas", "naturais", *et coetera*).

E estamos presenciando isso hoje, sim. (E esse *hoje* é antigo, já se aproximando de três quartos de século). Não se trata de uma completa rejeição ou abolição dos estudos ditos *humanísticos*, em sentido tradicional e indevido. Mas é uma *ameaça*. Até entre estudantes de ensino médio, que se preparam para os cursos superiores, a "discriminação" é visível (discriminação e desprestígio). Os alunos que apresentam tendência para os cursos fundamentados em ciências "*humanas*", como sociologia, história, letras, pedagogia e similares, são até ridicularizados pelos demais colegas, quando não pelos professores e, mesmo, dirigentes das escolas. Se for tendência para o curso de filosofia, então, coitados desses alunos! Só lhes falta serem "linchados".

Ora, o humanismo está ameaçado exatamente porque ele está sendo considerado unilateralmente, isto é, apenas *de um lado*, o lado das ciências "não humanas". Entendido o termo *ciência* como o conjunto dos conteúdos universais que o **homem** conhece e **sabe**, toda ciência é ***humana***, pois é produto da atividade intelectual do **homem**. Por *humanismo* deve-se entender, pois, todo o conjunto das ciências, todo o conjunto dos conhecimentos intelectuais, metódicos, organizados, sistemáticos que buscam a verdade dos fenômenos, em **todos** os campos do saber, e não apenas em alguns. Então, para que o humanismo não seja ameaçado, e para que aconteça em plenitude, todas as ciências (isto é, toda a sabedoria intelectual humana) precisam ser consideradas em *isonomia*, no mesmo plano de valor e de importância. Caso contrário, o que está sendo ameaçado é a sabedoria plena do homem.

Newton Luís Mamede é Ombudsman da Universidade de Uberaba

Revelação Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social, produzido e editado pelos alunos de Jornalismo e Publicidade & Propaganda da Universidade de Uberaba (revelacao@uniube.br)

Supervisora da Central de Produção: Alzira Borges Silva (alzira.silva@uniube.br) • • • Edição: Alunos do curso de Comunicação Social • • • Projeto gráfico: André Azevedo (andre.azevedo@uniube.br) Diretor do Curso de Comunicação Social: Edvaldo Pereira Lima (edpl@uol.com.br) • • • Coordenador da habilitação em Jornalismo: Raul Osório Vargas (raul.vargas@uniube.br) • • • Coordenadora da habilitação em Publicidade e Propaganda: Érika Galvão Hinkle (erika.hinkle@uniube.br) • • • Professoras Orientadores: Norah Shallyamar Gamboa Vela (norah.vela@uniube.br), Neirimar de Castilho Ferreira (neiri.ferreira@uniube.br) • • • Técnica do Laboratório de Fotografia: Neuza das Graças da Silva • • • Suporte de Informática: Cláudio Maia Leopoldo (claudio.leopoldo@uniube.br) • • • Reitor: Marcelo Palmério • • • Ombudsman da Universidade de Uberaba: Newton Mamede • • • Jornalista e Assessor de Imprensa: Ricardo Aidar • • • Impressão: Gráfica Imprima
Fale conosco: Universidade de Uberaba - Curso de Comunicação Social - Jornal Revelação - Sala L 18 - Av. Nenê Sabino, 1801 - Uberaba/MG - CEP 38055-500 • • • Tel: (34)3319-8953
http:/www.revelacaoonline.uniube.br • • • Escreva para o painel do leitor: paineldoleitor@uniube.br - As opiniões emitidas em artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores

issuu-downloader.com

Sociedade

Qual é a "recauchutada" no nosso bom e velho Código Civil?

O que mudou no Código Civil Brasileiro

Karla Marília*
6º período de Jornalismo

Imagine a cena: uma senhora entra em uma loja e é impedida de efetivar a compra, já que não traz a anuência do marido. Outra cena: uma jovem tem o casamento anulado pelo próprio marido, pois descobriu que a esposa não era mais virgem. Cena de filme? Era o amparo da lei em ambos os casos. Tudo isso estava previsto no Código Civil Brasileiro. Finalizado em 1916, época onde ninguém comentava sobre divórcio ou exames de DNA, o Código já nasceu "careta": ou seja, estava ultrapassado mesmo. Em 1968, o jurista Miguel Reale decide revê-lo. O projeto foi enviado em 1975 ao Congresso e apenas em janeiro de 2002 recebeu a sanção do Presidente Fernando Henrique Cardoso. Muitas transformações já se consolidavam, através de jurisprudências. Esclarecendo: jurisprudências são decisões de tribunais.

Algumas mudanças no Código Civil "novinho em folha" são realmente indispensáveis. Aquela história de virgindade e anulação de casamento citada acima já era. Aliás, o novo código nem faz menção ao artigo de 1916. O jovem adquire maioridade civil aos 18 anos, e não mais aos 21.

Atualmente, em caso de separação, os filhos são deixados com quem tiver melhor condições para criá-los. No Código Civil de 1916, as crianças ficavam apenas com as mães. Quanto ao regime de bens do Código atual, o artigo 1.829 dispõe que em caso de falecimento, o cônjuge sobrevivente disputa metade da herança, mesmo que o regime seja de *separação total dos bens*. Anteriormente, mulheres que viviam anos e anos com seus maridos não recebiam nada se o regime fosse o de separação total.

Algumas mudanças no Código Civil "novinho em folha" são realmente indispensáveis

Com a Constituição de 1988, nasce o termo *união estável*. O novo Código dá uma arrematada nessa história toda: não se estipula um tempo mínimo de convivência para caracterização do regime. Os juízes decidem o caso. São regidos pela *comunhão parcial de bens*, ou seja, tudo que for adquirido após a união do casal pertence a ambos e em partes iguais. A famigerada palavra *concubinato*, que era empregada anteriormente, foi obviamente abolida. Vigora a *união estável*.

reprodução

Outro dispositivo importante é a igualdade entre os filhos: não importa se são adotivos, biológicos ou nascidos de relações extraconjugais, o novo Código garante o mesmo direito a todos. O termo "pátrio poder", que se referia ao poder do pai na sociedade conjugal, foi substituído por *"poder familiar"*, que inclui a mulher, para que os dois possam participar igualmente das decisões referentes à família. E aos casamenteiros, um aviso: o casamento pode sair de graça, sim senhor. Com o novo artigo 1.512 do novo Código Civil, os noivos pobres não pagam e o casamento religioso, realizado em qualquer culto, possui efeitos civis. Levando os documentos necessários ao cartório e a certidão para ser averbada, não é necessária a presença do juiz de paz. O religioso possui as mesmas atribuições que ele.

(*) Formada em Direito

issuu-downloader.com

Namorados

Da pulseira para o amor eterno

Julyene Martins da Silva
1° ano de Jornalismo

Há aproximadamente 48 anos, a força do destino, promoveu o encontro entre dois jovens estudantes: João Hercos Filho e Elcy Silva Hercos. É que em 1955 os dois desisitiram das suas primeiras escolhas profissionais e optaram coincidentemente por uma profissão em comum: a medicina. Deste encontro nasceu um amor que dura até hoje. João Hercos, desistiu de ser engenheiro, está com 66 anos, é do signo de Capricórnio e nasceu em Conceição das Alagoas. Elcy Hercos, desistiu de ser dentista, está com 67 anos, é do signo de Touro e nasceu em Carangola /MG. O casal se conheceu na Faculdade Nacional de Medicina no Rio de Janeiro, vizinha da Praia Vermelha. Elcy relembra carinhosamente que o encontro registrou um momento muito interessante.

Eles estudavam na mesma turma e, num determinado dia, quando Elcy usava uma pulseira que João gostou muito, tudo começou. João demonstrou tanto interesse pela pulseira que tinha o nome dos pais de Elcy gravado, que ela levou-o até a joalheira onde comprara a pulseira. Na época os pais dela tinham uma pensão, e durante o passeio, Elcy convidou João para almoçar na pensão e conhecer seus pais. A partir daí passaram a ter uma convivência mais próxima. "O problema era que a pulseira seria para presentear uma namorada que eu tinha aqui em Uberaba, mas Elcy me roubou dela e começamos a namorar", disse ele brincando.

O namoro foi um período maravilhoso de cinco anos de convivência na faculdade. Eles comentam que o período foi fundamental para que realmente se conhecessem. A música "Eu não existo sem você", de Vinícius de Moraes é a trilha sonora deste relacionamento desde o início. Para eles não há música melhor para representar "a música do casal". A praia Vermelha também marca a história do casal pois era o lugar onde mais gostavam de namorar. Durante a entrevista o belo casal deixa claro através de olhares, toques e gestos de carinho, que mesmo depois de tantos anos, eles continuam namorando e vivendo intensamente como se cada instante fosse o único.

Eles estudavam na mesma turma e, num determinado dia, quando Elcy usava uma pulseira que João gostou muito, tudo começou

Quando cursavam o sexto ano de medicina, no dia 28 de maio de 1960, no Rio de Janeiro eles se casaram. O processo de organização do casamento marcou as suas vidas, pois estavam estudando para prestarem concurso para residência médica em Pronto Socorro, o que causava uma ansiedade ainda maior de se unirem. Depois de um ano de formados, o casal instalou-se em Uberaba onde moraram com os pais de João, pois ainda não tinham condições de comprar uma casa.

O tempo foi passando e a vida melhorando. Os dois trabalhavam no Pronto Socorro, Elcy também ministrava aulas na Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro, e a situação financeira foi melhorando e o amor aumentando. João atuando como oftalmologista e Elcy como ginecologista. Eles acreditam que sem dúvida a escolha da mesma profissão, foi ao longo de todos estes anos o que mais lhes aproximou. Exercer a mesma atividade evita um certo "choque" e proporciona maior compreensão entre as partes, uma vez que a vida de um médico não tem rotina.

Eu não existo sem você

Confira a música favorita do casal

Vinicius de Moraes

Eu sei e você sabe, já que a vida quis assim
Que nada neste mundo levará você de mim
Eu sei e você sabe que a distância não existe
Que todo grande amor só se é grande se for triste
Por isso, meu amor, não tenha medo de sofrer
Pois todos os caminhos me encaminham pra você
Assim como o oceano só é belo com o luar
Assim como a canção só se tem razão se se cantar
Assim como uma nuvem só acontece se chorar
Assim como o poeta só é grande se sofrer
Assim como viver sem ter amor não é viver
Não há você sem mim e eu não existo sem você.

fotos: arquivo pessoal

João Hercos Filho e Elcy Silva Hercos, juntos há 48 anos

A união provocou o aumento da família através do nascimento de três filhas: Esther Luisa Hercos Fatureto (médica), que trabalha com o pai, Ana Cristina Hercos da Cunha (professora de idiomas) e Sônia Regina Hercos Fontes (economista). "Todas bem casadas", afirmam os pais orgulhosamente. Durante a entrevista João lembra uma brincadeira já feita com Elcy, em que ele perguntava: "se fosse para você casar novamente comigo você se casaria?" ela respondia: "não". Mas logo diz para todos presentes que se arrependia da resposta, e que casaria sim, "foi bom demais", confessa ela.

Desde que deixou a medicina, há 14 anos, Elcy se dedica a vida social, e graças ao marido que lhe oferece um suporte muito grande, ela tem conquistado vários benefícios para a comunidade. Há trinta anos, durante as comemorações dos seus aniversários não aceitam presentes mas sim doações, que são posteriormente destinadas à caridade. Elcy inaugurou com pioneirismo em Uberaba este tipo de atitude. Ela gosta de dedicar seus momentos de folga à pintura e a uma boa pescaria. Devido a seu grande prazer na pesca, o marido presenteou a esposa quando completaram 40 anos de casados, com a instalação de um quiosque dentro do lago que fica no sítio deles situado à 5 quilômetros de Uberaba: o "Sítio da Amizade", que hoje é o lugar que eles realmente gostam de ir para namorar.

Ao longo dos últimos 42 anos os dois moram em Uberaba e estão totalmente integrarados na comunidade local. "Em 43 anos de casados, nunca tivemos desavenças, e sim pequenos aborrecimentos, mas nada que uma boa noitada não resolvesse", ressaltam. Para eles, o sucesso de um relacionamento se deve a muita compreensão e humildade para aceitar certas críticas um do outro, e é necessário que na vida de um casal prevaleça sempre a palavra desculpa. "Hoje os casais da sociedade moderna, se separam no primeiro problema e depois se arrependem, mas para voltar as vezes fica sem graça, então é importante não deixar que pequenos problemas se tornem em grandes", disse ele. Hoje eles não tem nada mais a pedir, e sim agradecer a Deus por ter lhes dado uma família maravilhosa, sete netos e as três filhas perfeitas.

O que dizem os astros?

União dos signos de Touro e Capricórnio promove solidez no relacionamento

"Se a combinação touro-virgem era solidez, esta é solidez mais sala VIP. A sociedade entre eles é a mais séria possível, aquela história dos dois olhando na mesma direção, mesmo: na direção de um carro último tipo, de viagens duas vezes ao ano para Paris, de uma posição de destaque na empresa ou do título do clube mais fechado do país. Vão ser extremamente fiéis um ao outro – qualquer tropeço poria a perder não só o romance, mas um investimento enorme em projeção social.

Fonte: http.//www.terra.com.br/esoterico/astrologia/afinidades.pl

issuu-downloader.com

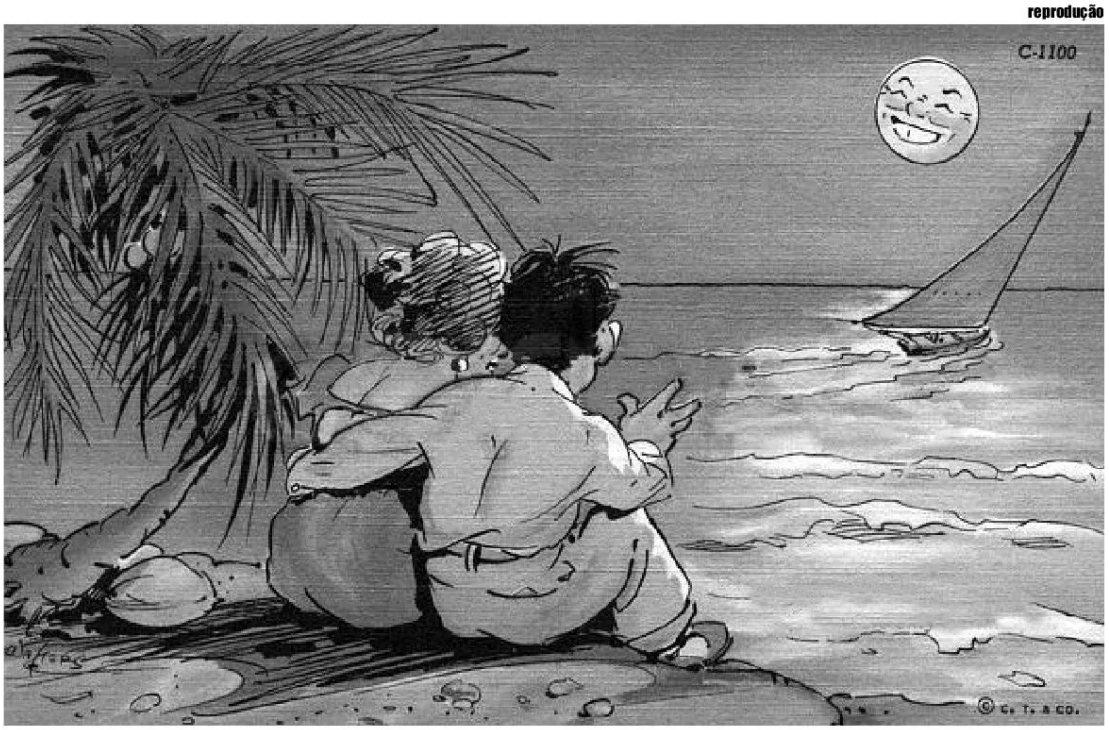
Namorados

Que seja eterno enquanto dure

Casais falam das formas de seus casamentos

Erika Machado
Keyla Cristina
5° Período Jornalismo

reprodução



Casamento: ato solene de união entre duas pessoas de sexos diferentes, capazes e habilitadas, com legitimação religiosa e ou civil. O que Deus uniu o homem não separa. Definições prontas de casamento que tem caido por terra, depois de tantas divergências sobre a união dos casais.

Noivar, vestir de noiva, com véu e grinalda, assinar todos os papéis, receber a benção de Deus e da família. Há bem pouco tempo, a mulher casava-se virgem e vivia para cuidar dos filhos e da casa. Morar com o namorado ou fracassar na união era motivo de vergonha, e até exclusão da sociedade.

As coisas foram mudando, as mulheres ganharam espaço no mercado de trabalho, assumiram uma nova postura sexual e hoje buscam estar ao lado de quem realmente gostam. Independente de papel ou cerimônia religiosa. Os homens por sua vez, acompanharam as conquistas feministas e hoje encaram o casamento como consequência de um estável relacionamento e não mais como uma obrigação.

As pessoas pensam mais antes de se casar, procuram primeiro uma segurança econômica, sucesso profissional, e pelo menos um relacionamento estável. Por outro lado se separam mais. Não sentem vergonha de recomeçar.

Existem casais de todos os estilos. Há quem queira se casar no civil e no religioso, como Blueth Sabrina Lobo UchÔa, publicitária, que está de casamento marcado para o dia 12 de julho. Com os papéis assinados e a benção do padre, Blueth será a futura senhora Talarico.. Ela e seu noivo, o industrial Alessandro Rodrigues Talarico, fazem questão de uma cerimônia no civil e na igreja católica. Fizeram curso de noivos e esperam ansiosos a chegada da data. De famílias católicas, o casal diz que optou não só por tradição, mas por devoção também. Para eles casamento tem o sentido denotativo da palavra.

Mas nem todos os casais pensam assim. O jornalista Sérgio Vilas Boas, acha essa história de casamento civil e celebração religiosa uma bobagem. Ele diz que odeia cerimônia mas respeita quem faz essa opção. Ele e a esposa, a também jornalista Patrícia Braga, estão juntos há 10 anos, sem alianças e sem papel passado.

E uma celebração religiosa também não envolve só vontade e fé. Os custos com uma bonita cerimônia faz muita gente desistir da benção do padre. A comerciante Anivalda Silva Fernandes uniu-se ao motorista João Batista Fernandes há 21 anos. Católicos, gostariam de ter casado no religioso mas as condições financeiras não permitiram. Ela conta que como qualquer mulher o seu sonho era de casar na igreja vestida de noiva. Hoje ela até teria condições mas não vê mais motivo e ainda brinca: " Casar duas vezes com um homem só?" Mas não falta torcida para que a cerimônia aconteça, a filha de 19 anos até já se ofereceu para ser a dama de honra.

Os custos com uma bonita cerimônia faz muita gente desistir da benção do padre

Quem se uniu, não só duas, mas três vezes, foi o professor universiário Edvaldo Pereira Lima e a psicóloga Lucy Coelho Pennna. Morando juntos, eles resolveram oficializar a união. Casaram-se no civil em um ritual Inca. Descendente de indígenas, Lucy confirmou o amor pelo marido ao ar livre, com a benção da natureza. Eles se casaram em setembro de 1998, no sítio da mãe dela, no interior de São Paulo. Mas Edvaldo explica que o casamento já existia há muito tempo, independente de oficialização. Eles não usam alianças, mas sabem que estão unidos, por uma força maior que vem do coração.

Sem importar a religião ou a forma que se dá a união, os casais sabem que o que realmente une é a afeição que ambos sentem.

O escrevente e universitário, Rafael Rocha já oficializou muitas uniões mas nem por isso se casou no papel quando resolveu viver junto com sua esposa, a fisioterapeuta Talita Berte Rocha. Depois de um ano de namoro, resolveram dividir uma vida e uma casa em comum. São seis anos juntos, mas só a dois, os pais de Arthur, de 1 ano e nove meses, resolveram legalizar a união. Casaram-se no civil.

Nem todas as religiões celebram a união como a igreja católica. A evangélica Elaine de Bessa Pereira Souza conta que na sua congregação, o casamento é validado pela união civil, sem cerimônias religiosas, mas com toda a tradição dos casamentos. Vestidos de noivos, o casal trocou alianças e permanecem juntos há 14 anos.

Todos concordam que o elo de amor que une duas pessoas, é a verdadeira prova de casamento

Independente da forma que casais apaixonados se unem, todos concordam que o elo de amor que une duas pessoas é a verdadeira prova de casamento. E como diria a letra da música de Renato Russo: " É só amor, é só amor, que conhece o que é verdade…"

issuu-downloader.com

Namorados não,

Miriam Lins Caetano
7º período de Jornalismo

Dia dos namorados chegando, é hora de beijar na boca e falar de amor. E para você que ainda não encontrou sua cara-metade, não se desanime.

Os opostos se atraem

fotos: arquivo pessoal

Renê Vieira e Karla Sarkis

"Nunca poderia imaginar que um dia o René e eu iríamos namorar. Eu, a Karla aluna, ele o técnico da comunicação. Ele trabalhava no bloco em que eu fazia o curso de publicidade, e como universitária admirava seu trabalho, e confesso, como pessoa também, por ser divertido e educado. Começamos a sair juntos em uma turma de amigos em comum, que adoram uma farra, beber, cantar e conversar. Conversa vai, conversa vem e um clima pintou no churrasco de sala na casa de um colega. Estamos juntos até hoje.

Ele grandão, forte, tímido, calmo e calado e eu pequenininha, magrinha, extrovertida, meio nervosa e falante

Ele é grandão, forte, tímido, calmo e calado e eu pequenininha, magrinha, extrovertida, meio nervosa e falante.

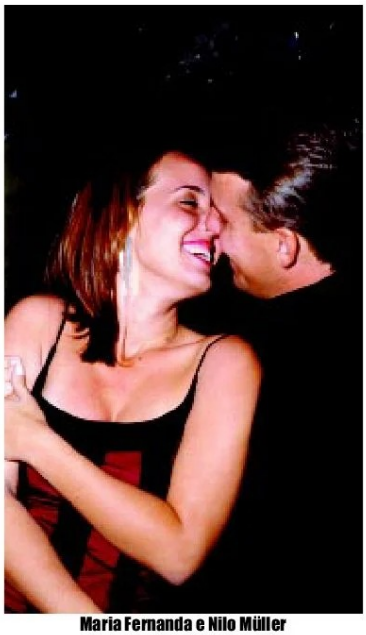
Faz cinco meses que estamos namorando e cada dia que passa, aprendo mais com ele. René é uma ótima pessoa, com um coração enorme que cativa todo mundo. Nós nos completamos!"

Eleição à candidatura do amor

"Em algum final de tarde de 1994, estava tomando cerveja com diversos amigos na porta do Munchen. Uma moçada bonita movimentava a avenida Santos Dumond trabalhando na campanha política. Nanda se aproximou totalmente vestida com as propagandas do Eduardo Azeredo. Ela me perguntou qual era meu candidato a governador. Eu tinha 19 anos, mas brinquei que não tinha idade para votar. Na verdade, eu votaria em qualquer um em troca daquele sorriso largo.

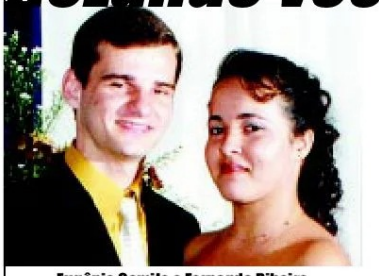
Ela também me pediu para que eu vestisse a camiseta e colasse adesivo no carro. Agradeci e guardei aquele material. Nanda insistiu para que eu vestisse a camiseta na hora e a levasse até o carro para colar o adesivo. Essa eficiente cabo eleitoral tinha apenas 15 anos. Fiz tudo como ela queria e esse foi o nosso primeiro encontro.

Mais tarde, em junho de 1995 começamos a namorar. Eu estava cursando o segundo ano de zootecnia na FAZU e ela, o primeiro colegial no Objetivo. Temos personalidades diferentes e sonhos em comum. Guiada pelo amor e pela cumplicidade, a nossa relação completa 8 anos neste mês. E esta história está apenas começando. E eu, Nilo Müller me sinto o homem mais feliz do mundo."



Maria Fernanda e Nilo Müller

Rezando você pode conhecer o amor da sua vida!



Eugênio Camilo e Fernanda Ribeiro

Fernanda Ribeiro, 21 anos, namora há oito anos com Eugênio Camilo, 24. Ela confessa que o namoro não perdeu a graça com todo esse tempo, ao contrário se consolida a cada dia.

Olha só que história legal! A religião os ajudou, e muito. Se conheceram em um baile do grupo de Jovens da Igreja Católica em Delta. De início, acharam que tudo era apenas uma brincadeira, mas...

A questão era a seguinte. O pai de Fernanda era um senhor muito rigoroso e não permitia que a filha namorasse. Foi preciso Eugênio pedir permissão para namorar em casa. O mais engraçado neste pedido é que o rapaz não tinha o costume de pedir ninguém em namoro e somente à meia-noite ele teve coragem de falar.

E como o senhor Francisco já estava cansado de esperar, não teve ânimo de proclamar o famoso "discurso".

Noivos há dois anos, o casal pensa em casamento, mas somente quando conseguirem estabilidade e uma realização profissional. Ela está terminando jornalismo e ele já é um administrador de empresas.

issuu-downloader.com

, almas gêmeas!

Pode ser que ela esteja ao seu lado, ou, quem sabe, aparecerá de repente, assim que você dobrar a esquina. Para que estas palavras tenham credibilidade, leia aqui alguns casos de namoros que aconteceram de formas inusitadas e que estão dando muito o que falar, beijar, abraçar…

O acaso que gerou um namoro

Miriam Lins Caetano e Ricardo

"Resolvi em um final de noite sair com alguns amigos para a boate aqui mesmo em Uberaba. Mesmo sem vontade, me convenceram de que a noite poderia valer a pena. E ainda brincaram comigo: 'Vamos Miriam, pode ser que você encontre o amor da sua vida…'

O casal de amigos foi para a pista de dança e eu fiquei no canto, de molho. Estava meio desanimada, mesmo assim arrisquei dançar com um rapaz educado que me perguntou se eu estava acompanhada. No meio da dança ficamos sabendo que estávamos na mesma profissão, porém, ele formado, eu estudante. Nesta noite ele me levou em casa e nada aconteceu, mas não deixamos de nos falar.

No começo da semana combinamos de sair juntos e nos descobrimos muito mais alma-gêmeas do que imaginávamos

No começo da semana combinamos de sair juntos e nos descobrimos muito mais alma-gêmeas do que imaginávamos. Fazemos aniversário na mesma data com diferença de 3 anos e temos a mesma cicatriz na barriga proveniente da mesma cirurgia.

Estamos juntos há 8 meses e sem dúvida, muito felizes. Ainda bem que saí naquele dia…"

Diferenças que unem

Karla Marília e Beethoven Teixeira

Há três anos juntos, Beethoven Teixeira e Karla Marília demonstram uma tendência que vem crescendo nos últimos anos: namorados que moram no mesmo prédio, porém, em apartamentos separados. "Ele mudou para o apartamento ao lado. Havia uma festa no meu e faltou cadeira para um convidado. Fui pedir ao novo vizinho uma emprestada e o chamei para a festa. Ficamos amigos e depois começamos a namorar !", Karla conta.

Ainda morando no mesmo prédio, ambos se dizem grandes companheiros, apesar da diferença de idade e dos impasses do dia-à-dia

Entre o casal, são 25 anos de diferença. Beethoven afirma que os impasses existem, nada que não possa ser habilmente contornado : "Pois é... eu quero ouvir MPB e a Karla me aparece com umas músicas barulhentas bem na hora que vou ler meu jornal!", ele afirma rindo. As tais "músicas barulhentas" são feitas do bom e velho *Rock and Roll*. "Não, não só *Rock and Roll* ... escuto música eletrônica também. Às vezes Beethoven até gosta", ela corrige.

A grande vantagem de morar em casas próximas, mas separadas é a preservação do cantinho e da privacidade de cada um. O desgaste no relacionamento, que é o fantasma de qualquer casal, pode ser driblado. Segundo eles, quando se está chateado ou triste, trancar sua porta e ficar sozinho às vezes se faz necessário. "De qualquer forma, gosto muito de compartilhar meu cotidiano com ele: bato a campainha, tomamos café e lemos jornal juntos. Conversamos assuntos amenos pela manhã. O Beethoven tem um papel fundamental na minha vida. Ele me ensinou coisas das quais eu achava que não tinha o menor jeito: fotografar, cozinhar, pescar... Nossas brigas são homéricas, insuportáveis. Porém, sempre reconhecemos a importância de um na vida do outro.", Karla continua.

Ainda morando no mesmo prédio, ambos se dizem grandes companheiros, apesar da diferença de idade e dos impasses do dia-à-dia. "Amar é permitir que se escreva a sua história a quatro mãos!", Beethoven finaliza.

issuu-downloader.com

Namorados

Amor de primos

Erileine Faria Rodrigues
1° ano de Jornalismo

Em São Sebastião do Paraíso, ao sul de Minas Gerais morava Amélia dos Santos, hoje com 64 anos, que em 1963 foi à passeio com uma tia para Sertãozinho, onde viria a "conhecer" seu primeiro e grande amor, que por obra do destino era o seu primo Amilton de Aguiar, 60 anos.

Ela já sabia que sua tia tinha um filho quase da sua idade, mas por falta de contato, nem sabia direito como ele era, e ao vê-lo foi paixão à primeira vista entre ambos. Apesar do parentesco, começaram a namorar até que ela teve que voltar para a sua cidade.

Para eles o fato de serem primos, simplesmente os ajudaram a se encontrar mais rápido e descobrirem o amor verdadeiro e a felicidade

Ficaram cinco anos sem se ver, os pais deles já estavam mais tranquilos achando que aquele curto romance tinha sido apenas um namorico de adolescentes mas viram que não era bem assim, quando Amélia voltou para Sertãozinho e com um simples convite para ir ao cinema o amor que estava adormecido, reacendeu-se com muito mais força.

Recomeçaram o namoro e após um ano, noivaram-se, os pais já mais conformados, resolveram aceitar a situação, afinal era a felicidade dos filhos que estava em jogo.

Após seis meses de noivado veio o casamento, que por motivos religiosos da família foi realizado apenas no cível registrando um momento muito especial e bonito, com uma festa para comemorar a união.

Nesta época assim como no tempo de namoro, Amilton só marcava presença em casa aos finais de semana. Por causa do seu trabalho na Fepasa ele vivia viajando. Essa situação era muito difícil para Amélia, principalmente após o casamento, pois ficar longe do seu amor provocava enorme ansiedade.

De acordo com ela, só não sentia-se pior por causa de suas duas filhas, Kátia e Rosângela, para as quais dedicava-se integralmente.

O casal afirma que foram muitos os momentos difíceis, principalmente por causa das separações momentâneas que o trabalho de Amilton provocava, mas que mesmo diante de todas as dificuldades durante estes trinta e três anos de casamento, nunca pensaram em separação, para eles o que Deus uniu é para sempre.

O momento mais feliz para os dois foi o nascimento das duas filhas, frutos queridos deste amor entre primos. Os momentos mais tristes foram registrados primeiramente com a perda de um filho, um menino que ela perdeu ainda em gestação quando levou um tombo. Houve também um momento de tristeza quando Amilton ficou hospitalizado por três meses por causa de um acidente. Amélia o visitava todos os dias, rezando para nada de pior acontecesse.

Amilton já se aposentou. Depois de passar uns tempos em casa, mas não conseguiu ficar parado. Atualmente é motorista de ônibus para pessoas deficientes. Amélia nunca trabalhou for a de casa e diz que não sentiu falta, pois adorava ficar cuidando da sua casa, das filhas e do seu marido.

Os dois sentem saudades da época de namoro, dos familiares já falecidos ou que moram em outras cidades, mas se sentem realizados por terem uma família unida e feliz. Só pedem a Deus pela felicidade dos netos Rafael e Lucas, que são para eles depois das filhas os seus bens mais preciosos.

Dizem que o fato de serem primos em nada os atrapalhou, pelo contrário, para eles o parentesco só tornou as coisas mais fáceis e interessantes, que veio a gerar um casamento duradouro, feliz onde o companheirismo levou a uma bela união.

Para eles o fato de serem primos, simplesmente os ajudaram a se encontrar mais rápido e descobrirem o amor verdadeiro e a felicidade.

reprodução

Declare-se

Mariana do Espírito Santo
2° Período de Jornalismo

Embaraçado. Desconcertado. Bloqueado. Quem nunca se sentiu assim? Sem saber o que dizer. Sem saber o que fazer. Nesse momento você passa a mão na cabeça. Sacode a perna sem parar. Morde a tampa da caneta. Gira o botão da blusa. Tenta desviar olhares, procurando assuntos. E, cruzando olhares e mais olhares, perde o fio da meada. Maldita noção. Que agora, justo agora, logo agora, chegou a hora do tudo ou nada. Mas se você insistir em ficar assim, quieto, calado, silencioso e listando descontroladamente sinônimos para a palavra "mundo", a grande oportunidade de sua vida pode ser desperdiçada.

Embaraçado. Desconcertado. Bloqueado. Quem nunca se sentiu assim?

Você ensaiou o que ia dizer. Decorou o que ia falar. Sente vontade de gritar, mas não grita. Tampouco sussurra. No máximo, geme. De angústia. Você lembra de São Vito, o santo dos neuróticos. Apela a Santo Antônio, o santo casamenteiro. E nada. Necas de pitibiriba. O troço, o lance, o papo, a coisa está na ponta da língua, mas é como se estivesse com o coração na boca.

Mas agora você toma coragem e decide, sim, decide mesmo, decide pra valer, decide-decide que vai soltar o verbo. E diz, apaixonado "Você sabia que quaisquer é a única palavra portuguesa que o plural aparece no meio?" Pronto: a pessoa ao seu lado se convence de que, definitivamente, você é o ser mais esquisito do planeta.

A verdade é: o problema da declaração de amor é que o amor atrapalha qualquer declaração...

issuu-downloader.com

Namorados

Crônica do amor primeiro

As experiências do primeiro amor podem refletir na conduta ética humana

Wagner Fonseca
6º período de Jornalismo

Não me lembro ao certo o dia. Sei que, pela primeira vez na vida, um sentimento de compromisso, mesmo que em uma fase precoce da vida, atormentava o meu pensamento e fazia bater cada vez mais o meu inocente coração. Uma cadência diferente de outras vezes: era o meu primeiro dia de aula.

Eu morava na rua Capitão Amaro, 216, no bairro de São Sebastião, um lugar ao norte da minha pacata Dores do Indaiá, Minas Gerais. Quase na saída da cidade. Eu sempre acordava com o barulho da charrete do entregador de leite. Pela janela, via a minha mãe em meio à poeira que ela fazia levantar após molhar a terra com á água que saía da torneira do quintal. Um ritual seguido por umas tantas vizinhas que eu praticamente desconhecia.

Lembro também que minha mãe pedia para que eu buscasse o balde e regasse algumas rosas que ela havia plantado ao lado da garagem onde, todas as noites, descansava o Fusquinha 77 do meu pai. Minha mãe, sempre bem-humorada, apesar dos percalços da época, dizia que regar as plantas fazia a mãe de Jesus Cristo sorrir. E eu ficava ali, na incumbência de manter sempre vivo o sorriso de Nossa Senhora.

Mas os dias de molhar as rosas estavam contados. Fui matriculado na Escola Estadual Dr.Zacarias que até hoje funciona em frente à igreja matriz da cidade. Um prédio em estilo clássico, janelas adornadas e uma escadaria de mármore branco com pouco mais de dez degraus. Por não ter condições financeiras, minha mãe optou por me matricular no jardim de infância sem antes cursar uma série inicial, conhecida como maternal.

No primeiro dia de aula, antes de chegar à escola, fui vestido com um pequeno short vermelho e uma camisa de viscose xadrez com um bolso na altura do umbigo. No bolso, havia um bordado que até então eu não sabia decifrar. Minha mãe havia comprado uma merendeira à tiracolo com um compartimento para depositar a garrafa de suco de uva e outro para os biscoitos fritos preparados com fécula de mandioca.

Antes de sairmos, ela abaixou-se diante de mim e amarrou os cadarços na minha Conga. Saímos em direção à escola. Muito medrosa, dona Geralda segurava firme a minha mão: era tão forte que eu sentia meus dedos formigarem.

Quando chegamos, fui recepcionado pela diretora da escola, a senhora René da Silva Moura, uma mulher simpática e, a princípio, amiga. Minha mãe despediu-se de mim e, naquelo momento, eu era o mais novo aluno da Dr. Zacarias.

Entramos pelo pátio da escola e a diretora disse que eu iria conhecer meus novos amigos e uma professora carinhosa, a dona Marlene. Caminhamos alguns passos e, em seguida, um corredor ladeado de inúmeros vasos de espada de São Jorge nos levou até a sala número 22. Quando chegamos, fui apresentado a inúmeras crianças: brancas, negras e um ou dois gordinhos. Todos com o mesmo estilo e cor de roupa que eu estava usando, inclusive com o bordado. Anos mais tarde, fui aprendendo que cada linha daquele bordado significava o nome de cada um. Uma forma interessante para que a professora não confundisse ninguém.

No primeiro dia de aula, antes de chegar à escola, fui vestido com um pequeno short vermelho e uma camisa de viscose xadrez com um bolso na altura do umbigo

A professora pediu para que eu ficasse na mesa com três coleguinhas. Confesso que o meu primeiro dia de aula havia começado bem. Mas esse pensamento não era o daquele menino que acabara de conhecer pela primeira vez uma sala de aula. Com o caminhar dos tempos a gente lembra do passado e imagina o que poderíamos fazer anos atrás se tivéssemos a idade de hoje.

Diante das três meninas fiquei muito envergonhado, quase sem palavras, imóvel e constrangido. Talvez uma reação normal, já que a maioria dos meninos estava no fundo da sala. A primeira frase que ouvi foi da menina de olhos verdes e lábios carnudos. Ela me ofereceu emprestado um giz de cera e disse que era para eu colorir aqueles desenhos no papel recém-chegado do mimeógrafo e ainda cheirando a álcool. Não me lembro se ousei colorir alguma coisa ou então conversar

reprodução

sobre algum tema que, naquela idade da vida, seria sem pé, nem cabeça.

Muitos dias se passaram e eu já estava acostumado com a minha nova vida. Ir à escola era o que eu mais gostava e ficava triste quando minha mãe não podia me levar. Agora, ela era uma mulher que ficava o dia todo no tanque, ao lado da bacia de alumínio, lavando um tanto de roupa para umas pessoas estranhas, gente que sempre aparecia lá em casa. Por estar constantemente ocupada, coube à minha irmã a tarefa de me conduzir à escola.

Todos os dias na aula eram maravilhosos. Já havia conquistado novos amigos, mas não esquecia os da Capitão Amaro. Porém, a menina dos olhos verdes e lábios carnudos fazia meu pequeno coração pular dentro de um peito inocente. De vez em quando, a gente dormia lado a lado em nossos colchões espalhados pela sala na hora do repouso, logo após a merenda.

Porém, a menina dos olhos verdes e lábios carnudos fazia meu pequeno coração pular dentro de um peito inocente

Saímos do jardim da infância e fomos para uma outra professora: estávamos no pré-primário. Os anos caminhavam, eu e a menina dos olhos verdes e lábios carnudos continuávamos unidos. Agora, eu até freqüentava a casa dela, uma mansão bem no centro da cidade. Quando volto lá, sempre passo em frente à casa. As lembranças são inúmeras. Era ali que brincávamos, era ali que dávamos boas gargalhadas, era ali que dividíamos nossos desejos e anseios de crianças. Momentos que o tempo apagou. Não por vontade própria, mas por necessidade de fazer girar a roda da vida. E nesse gira-gira, giram também nossos destinos e o destino nos separou.

O passar dos anos, das horas e dos minutos fez com que eu, em algum momento nesta participação na Terra, percebesse que a menina dos olhos verdes e lábios carnudos havia sido a minha primeira paixão, talvez a paixão mais sincera de um ser humano.

Com o desenrolar dos tempos, a gente percebe que a paixão não é tão-somente um desejo passageiro. A paixão é algo sincero, puro e intrínseco. A paixão é inerente à catarse humana, uma sensação eloqüente de querer bem quem nos quer melhor ainda.

Estar apaixonado é perder a fala, cair o queixo e desejar ficar o resto de nossos anos envenenados por uma poção mágica, preparada sabe-se lá por quem. Não há anjos, arcanjos, bruxos, fadas ou mecenas que possam explicar este sentimento. Não há reis, imperadores ou tiranos que consigam comprar a verdadeira paixão. A paixão não é fruto para o capitalismo. A paixão é como aquela mesma rosa que eu regava a pedido da minha mãe. Primeiro ela foi semente, depois germinou, cresceu, tomou forma e ficou robusta. Sempre alimentada pela água, a fonte natural que a manteve vistosa.

A paixão segue o mesmo ciclo da rosa, porém a fonte de toda a paixão é o desejo de querer se render a esse sentimento, seja aqui, ali ou em qualquer lugar do planeta. Seja aqui, ali ou em qualquer momento da vida, mesmo estendido em um colchão na hora do repouso, depois da merenda. Mesmo quando se percebe que a primeira paixão da vida é aquela paixão do primeiro dia de aula. Paixão ao emprestar o giz de cera, paixão à primeira vista, paixão antes mesmo de escrevermos pela primeira vez nossos nomes em uma folha de papel.

O sentimento da primeira paixão deveria ser eterno e estendido aos homens que gostam de ser super-heróis. Podemos alcançar a felicidade, vivendo da mesma forma como vivíamos diante da nossa primeira paixão. Aquela paixão única, clarividente, paixão de criança, imatura e inocente.

Pois então, que cada um de nós, assim como eu, tome lápis e papel à mão e recorde, através das palavras, a primeira paixão da vida. Em seguida, emoldure linhas e, assim como um troféu da vida, a cada situação contrária aos nossos ideais, utilize os sentimentos da paixão primeira como padrão para a conduta ética humana.

Obs: Após escrever essas linhas, resolvi perguntar aos meus amigos, alguns que foram meus colegas desde o jardim de infância, onde andaria a menina de olhos verdes e lábios carnudos. Descobri que hoje ela vive em uma grande cidade, é enfermeira e está casada há dois anos.

Fui informado também, que em poucos meses ela será mãe…

issuu-downloader.com

CADERNO LITERÁRIO

Retratos

Graziela Christina de Oliveira
1º período de jornalismo

reprodução

Amor. Afeição profunda a pessoas ou coisas, entusiasmo, paixão. Mas o amor não se resume em uma definição de dicionário. Está muito além de qualquer palavra. Amar é simples, difícil é entendê-lo. Amar é gostar de estar ao lado desta pessoa que a gente não sabe explicar mas, quando se deu conta, viu que pensava nela mais do que o normal. Amar é sorrir junto com ela, é chorar também, quando tiver vontade. É cantar aquela música que te faz lembrar os melhores momentos, mesmo que você esqueça um pedaço ou desafine em alguma parte. É sair correndo, braços estendidos ao outro, num encontro feliz. Dançar, rodopiar e se deixar levar. É voltar a ser criança, falar como uma, agir como uma, naquela imensidão de bobagens e gracejos que dizem e fazem os apaixonados. É se sentir seguro, nos braços de quem se ama e não ter medo de enfrentar os problemas, pois você sabe que ali tem uma mão pra lhe guiar, pra ir com você até o fim. É pensar que nada no mundo é mais importante que o amor que vocês sentem, nem mais bonito. Que não há história de vida que se compare com a sua. Que não há melhor pensamento do que a pessoa amada. É sonhar acordado e dormir sonhando com ela. É sentir que só o outro pode lhe salvar ou acabar de vez com os seus sonhos. É suportar a distância mesmo quando vocês estão perto e não conseguem se encontrar. É imaginar cada momento juntinho dessa pessoa, cada abraço, cada beijo. É desejar que tudo se dane quando você está sozinho. É desejar que tudo se exploda quando vocês estão juntos. É pedir que nada no mundo estrague sua felicidade. É jurar que você vai fazer o que sua mãe lhe pediu se o telefone tocar. É não ter coragem de encarar a pessoa e descobrir que ela está olhando pra você. Mas mesmo assim, implorar por um olhar, mesmo que disfarçado, por um sorriso, mesmo que tímido. E é também olhar nos olhos e descobrir que, às vezes, não é preciso palavra alguma para entender o outro. É perceber que mesmo o menor dos gestos tem um grande significado. É sentir o coração palpitar quando você percebe que essa pessoa está chegando. É esquecer tudo o que você ia dizer quando ela se aproxima. É trocar as palavras, tropeçar nas letras e ficar embaraçado. É compreender que sua vida já tomou outro caminho e que você, sozinho, não pode mais seguir sua estrada. É deixar que alguém que você nem bem conhecia habite seu mundo íntimo, sem pedir licença. É tentar procurar explicações para o seu comportamento e descobrir que não existem. Não há o que explicar, só há o que sentir. Que por mais que pareça, você não está ficando louco. É que apenas despertou dentro de você o sentimento mais puro e sublime, que um dia, você também descobriu que podia vivê-lo intensamente.

Mas mesmo assim, implorar por um olhar, mesmo que disfarçado, por um sorriso, mesmo que tímido

issuu-downloader.com

CADERNO LITERÁRIO

Antes do amor

Luís Flávio Assis Moura
2º período de Jornalismo

reprodução

Nada poderia contê-los. Estavam frescos e interessados como uma flor recém-nascida. Sentados no banco bege e desconsolado da varanda pendurado em uma corrente murcha e calma, em volta a noite subitamente clara em demasia, o jardim excessivamente verde e florido cercado por margaridas sem brilho... a casa esperando o retorno de alguém que não era nenhum dos envolvidos; tudo era desproporcional em volta dos dois. Ele buscava algum instante perdido com os olhos sem esperança de encontrar alguma coisa, como se aquilo pudesse postergar o prazer sofrido de enxergá-la e nem assim era capaz de enclausurar sua alegria ridícula que prometia não mais que um simples palpitar. Ela em seus cabelos castanhos presos por um rabo-de-cavalo alegremente fluido e olhos salgados de pássaro faminto era mais tranqüila e envelhecida, embora tivessem a mesma idade – sabia que eles nasceram no mesmo dia? – e fosse também inexperiente naquela coisa que todo mundo chamava de amor, só que não era e ela tinha completa consciência disso. Ele, no entanto, era extasiado e imberbe demais para entender as coisas e só buscava vê-la tirando os óculos gordos, bruscos, uma miopia quase atordoada que o acolhia desde sua infância quando tinha medo de ser picado por abelhas e morrer da alergia morna que tinha a elas. Ele a fitava, querendo saber o que a fazia sentir (é desnecessário se aventurar no grande mistério agora, mas saiba-se que ele existe e só quem o possui pode imaginá-lo). Passava as mãos em seus cabelos curtos e umidamente negros, tentando atritar seu nervosismo com o próprio corpo em uma afabilidade inútil que só cresceria com os anos.

-Então, é verdade que você gosta de mim?

-Eu gosto, sim. Muito. – Ela se declinou afável e triste, um pouco saciada de si.

-Eu... eu também gosto muito de você! É verdade, respondia assustado e agraciado como se precisasse sempre segurá-la de uma queda macia para ver seu rosto. Era tão bobo...

-Obrigada. Eu acredito em você.

-Eu sou sincero com você, sabe? Então, eu...

-Sim?

-Eu queria que você fosse sincera comigo...

-Ah, mas eu sou, sim... você acha que não?

-N-não! Não é isso, é só que eu, estava assustado e desprotegido, temendo ofender aquela natureza prostrada dela e quebrar o sobressalto que tinha como um bibelozinho de vidro, eu queria saber se....

-Se...?

-Se eu sou o seu primeiro amor.

-Ah.... entendi. Não é... eu sinto muito.

-Tudo bem...., o menino se esmaeceu tranqüilamente, desapontado e curioso.

– A menina desviou os olhos gordos e quentes para a outra, e salpicou-lhe um beijo carnudo e largo em sua bochecha.

Era um dia largo e apressado, podia até contar as nuvens se espargindo grávidas atrás do céu brusco que as providenciava luz de alguma outra coisa que nem se dava conta de existir. A mãe a chamara para ir ao parque, mas uma roupa que ela preferiu costurar durante a tarde permitiu à menina que fosse sozinha e não fizesse nada em demasiada alegria. Nunca fora particularmente fascinada por parques, mas assim mesmo ela sentia um pouco de gosto em ir e sentir filetes de tempo a reverberar em salas de madeira e graciosa escuridão na qual casais dançariam e aprenderiam o amor em seus anos futuros. Achava que seria sempre calma e inocente por qualquer razão – aprendera com o pai que isso era felicidade; e, com toda a franqueza, ela não acreditava no homem. Concordava somente por gostar muito dele, mas não era razão para fazer dela infeliz. O parque era recoberto por uma falta de luz que a aconchegava e fincava um ponto preciso dentro da existência gorda dos brinquedos que atravessavam seus olhos em celeridade assombrada; as luzes fracas a chamavam surdamente e seus olhos eram subitamente dois vaga-lumes lisos e interrompidos por uma noite sem testemunhas. Os passeios de pedra macia e velha acumulavam-se em forma de paralelepípedos, paralelepípedos sendo não mais que aquele espargir redondo e a possibilidade de alguma pessoa mais irritável tropeçar em um deles – e o mundo começa a sorrir exibindo uma mornidão cheirosa de casa em que se deixa um bolo esfriando no parapeito da janela. Era tudo tão familiar – parecia se aproximar e tocar com cuidado uma saudade fina e elástica que estouraria como balão se pressionada com mais ímpeto, e suas mãos eram cautelosas, finas ao atravessar o espaço quente do parque. Onde ela iria primeiro? O carrossel azul e borrado de movimentos luminosos a chamava sem hesitação: ela se reencontraria por lá.

Ao escolher o carrossel, se acomodou em um cavalo marrom de olhos bruscos e amargos sem se importar com isso. Um ronco de vento aborrecia o âmago de seu estômago, mas ela gostava um pouco dessa trepidação – o vôo iníquo do brinquedo a providenciava de sabores secos na boca e nos olhos, e uma certa ansiedade a fazia um pouco mais atenta ao recrudescer circular do mundo ao redor do seu corpo; ou seria o contrário? Uma menina de longos cabelos ondulados e ruivos estava à sua frente, montada em um cavalo branco e tão irreconhecível quanto poderia ser diante da instabilidade embriagante do carrossel: ela parecia rir um riso molhado e agudo de criaturas alegres. A moça sorriu cálida e neutra para si, percebendo sem sobressalto o borrão de uma flor arranjada nos anéis finos de cabelo da criança. Se desprendendo, se desarranjando com claridade, um sopro preciso de vento – e a flor pousou delicada na grama sob o perscrutar mavioso dela. Será que a garotinha percebeu? ah, saiu do carrossel e se prestou a tomar a florzinha pelos dedos. Era algo parecido com uma margarida, embora tivesse pétalas amarelas e gostasse do sol – a voz macia dela sentia um tom grosso de música e à descoberta de ter um objeto de outra pessoa se entrelaçou a textura de uma tristeza esporádica. A menininha não estava ali, onde ela foi, onde ela foi? Os olhos buscavam quase aflitos pela silhueta boba da criança, ela estava onde, onde – a margarida amarela, se o era, obrigava-a a descobrir algo além de sua cegueira egoísta para –

-Moça... você viu minha flor?

-Ah... foi você quem perdeu esta margarida amarela? – Um sorriso mole brotou de seu rosto neutro... ela está aqui, está aqui!

-Não é uma margarida, moça. É um girassolzinho.

-Ah... eu achei jogado no chão. Eu estava procurando descobrir de quem era...

-Obrigada, moça. Você é muito boazinha! – A menina desviou os olhos gordos e quentes para a outra, e salpicou-lhe um beijo carnudo e largo em sua bochecha. Aos poucos, seu corpo se enchia de água e fulgor, mal podendo enxergar sua surdez vermelha.

-De nada, meu anjo... tchau, e cuidado com a flor.

-Tchau, moça! Eu te adoro!

A criaturinha foi embora se espargindo em serenidade e incognitude. Jovem e momentaneamente cega a outra... aos poucos, a água desembargava-se de seus dedos e olhos vibrantes. Finalmente vendo a criança cada vez mais, menor e próxima do sol, ela sentiu seu corpo eriçar uma essência perfumada de mulherice e seu cerne úmido irrigado por rios límpidos florescendo lentamente em sangue puro. Aos poucos, o parque retornava seu itinerário de cores e gritos junto com as pessoas, sem que ela precisasse se esquecer.

issuu-downloader.com

História

Os Guerreiros de Xi'an e os Tesouros da Cidade Proibida

Michelly Dias de Barros
2° ano de História

O Brasil conhece agora a história, a política e a cultura do país mais antigo e populoso do mundo: a China. Uma exposição realizada em São Paulo, logo no começo do semestre de 2003, prestou um inestimável serviço no sentido de estimular o interesse por esta que é considerada uma das mais antigas civilizações.

A partir do contato direto com diversos objetos de arte e utensílios da vida cotidiana dos últimos cinco mil anos, o público teve a oportunidade de obter uma visão mais completa e direta da história deste povo praticamente desconhecido. Desconhecido sim, porque, embora acolha imigrantes chineses desde a segunda metade do século XIX, o brasileiro ainda confunde características fundamentais da história chinesa com a japonesa, por exemplo. As técnicas de combate, por outro lado, trouxeram um pouco da filosofia de vida oriental, porém acessível apenas a seus alunos e mestres interessados pela arte.

A exposição ocorreu em São Paulo, de 21 de fevereiro à 8 de junho no Parque do Ibirapuera, no pavilhão da Oca. Foi considerada o maior evento sobre a China já realizado no Brasil. Organizada pela BrasilConnects, foi uma mostra inédita sobre a arte milenar chinesa. A realização do evento fez parte do acordo firmado no IV Programa de Cooperação Cultural Bilateral entre China e Brasil, assinado em novembro de 2001 pelo Ministério das Relações Exteriores. A mostra foi dividida em dois grandes núcleos: o Shaanxi, apresentando 11 guerreiros e um cavalo de terracota, todos em tamanho natural, mais conhecidos como Guerreiros de Xi'an, pertencentes ao exércitos do imperador Qin Shi Huangdi, e o segundo núcleo: A Cidade Proibida, composta por obras do Museu do Palácio Imperial de Pequim. Construída pelo Imperador Yogle, o segundo da Dinastia Ming, iniciada em 1406 d.c.

A descoberta desses guerreiros e animais esculpidos sobre um material bastante semelhante à argila: a terracota, originária da China, é um fato recentemente ocorrido. Em 1974, camponeses de X'iang, ao escavarem um poço em uma área afastada da vila, encontraram uma camada dura de terra queimada a quatro metros de profundidade. Sob ela acharam fragmentos de estátuas. Ao lado, descobriram um solo pavimentado, com muitas pontas de flechas e alguns mecanismo de armas em bronze. A princípio, os camponeses ficaram em dúvida se esses vestígios eram de restos de um forno, de um antigo altar local, ou ainda um templo budista. Concluíram que era muito mais que isso.

As notícias da descoberta logo chegaram à capital do condado. Arqueólogos do Centro Cultural de Lintong visitaram o local e imediatamente iniciaram escavações na área. Ficaram particularmente interessados pelas estátuas de terracota em tamanho natural. Uma nova história estava para ser descoberta.

Ainda em 1974, sob a direção do Departamento de Arqueologia e Museus da Província de Shaanxi, foram reiniciadas as escavações do que viria a ser um dos sítios arqueólogicos mais famosos do mundo. As três unidade de enterramento contém, ao todo, mais de 7 mil guerreiros e cavalos de terracota, e mais de 100 carros de combate de madeira apodrecidos com o tempo. Descobriram que os artefatos se tratavam da Dinastia Qin, datada de 227 a 221 a.C. Estavam situados a 1500 metros a leste do mausoléu do Imperador Qin Shi Huangdi, o primeiro a unificar a China e um dos idealizadores da Grande Muralha da China, atualmente ameaçada de destruição pela própria população chinesa. Em 1987, a Unesco conferiu ao mausoléu o título de Patrimônio da Humanidade.

Cerca de vinte peças que foram descobertas no ano passado, integraram a exposição na Oca, além de 197 peças de vários museus da região de Shaanxi. São cerâmicas também de 7000 a.C., construídas com bronze arcaico e artefatos da Dinastia Hang, Tang, Ming e Qing.

Agora, fica a pergunta: qual seria o motivo da existência e da enorme quantidade de guerreiros enterrados no subsolo próximos ao mausoléu do Imperador?

Embora acolha imigrantes chineses desde a segunda metade do século XIX, o brasileiro ainda confunde características fundamentais da história chinesa com a japonesa, por exemplo

Levando-se em conta os estudos feitos sobre os costumes e a filosofia chinesa milenar existente e cultuada até hoje, estudiosos e especialistas chegaram a uma resposta: tudo se deve à crença antiga de uma civilização que acreditava na vida pós-morte ainda regada a prazeres e desfrutes iguais ao da vida anterior. Prova disso é a constatação de que os guerreiros de terracota representavam o próprio exército, que em vida real protegia o Império com fidelidade e orgulho demostrando alto apreço pelo Imperador. Este, por sua vez, era tratado com imponência e total obediência pelo seu povo. Assim sendo, quando sua morte ocorreu, ficou designado que todo aquele que havia lhe servido diretamente, deveria tirar a própria vida, com o intuito de continuar a servi-lo por toda a eternidade. Foi o que ocorreu com os guerreiros e até mesmo com todas as suas concubinas. Além de tudo, o próprio Imperador recrutou centenas de milhares de homens para trabalhar na construção de seu túmulo, ao norte de Xi'an. Todo o exército foi construído e enterrado para guardar sua tumba para sempre.

O extraordinário exército é composto por 7000 guerreiros em tamanho natural, equipados com cavalos de verdade, carruagens e armas. Um total de 500 cavalos foi descoberto nas três escavações do mausoléu. Os laços e arreios foram feitos em cobre e bronze, para suportarem ao tempo. Cerca de 2000 guerreiros ainda estão enterrados à espera de um tecnologia mais avançada que permita a preservação da cor original das estátuas, uma vez que já desenterradas, a perderam devido ao contato com o ar. Esta é uma exigência do próprio governo da China para que se prossiga com as escavações.

Os Tesouros da Cidade Proibida

O segundo bloco, o Núcleo Cidade Proibida, era composto por obras do Museu do Palácio Imperial de Pequim. As 140 peças da última dinastia chinesa remontavam uma sala de trono, apresentando objetos de decoração, quadros, roupas, colares, enfeites, cerâmicas e sapatos. A Cidade Proibida é o maior e mais bem preservado complexo sendo também denominada de "Cidade Proibida Púrpura", porque todas as suas estruturas de alvenaria e de madeira estavam pintadas de vermelho, símbolo da alegria e da felicidade. Ela começou a ser construída pelo Imperador Yongle, o segundo da Dinastia Qing, em 1406. Nos 500 anos que se seguiram até o final da dinastia Qing, em 1911, foi reconstruída, reformada e expandida várias vezes. Um milhão de trabalhadores e cerca de cem mil artesãos estiveram envolvidos na construção do conjunto. Materiais para sua construção foram trazidos de lugares distantes, e oficinas especiais foram criadas nas imediações de Pequim para produzir tijolos e telhas amarelas para os telhados.

Os móveis e objetos de decoração da Cidade Proibida eram fabricados nas oficinas imperiais, estabelecidas ao sul do país em Pequim, que trabalhavam exlusivamente para a Corte. Os palácios eram também embelezados com vários objetos preciosos, obtidos ou como tributos enviados por províncias ou especialmente encomendados pelos imperadores. Entre eles incluíam-se livros, pinturas e caligrafias, entalhes em pedra, objetos de cerâmica, lasca e esmalte cloasonado.

Códigos de etiqueta, na vida privada da China Antiga, era prioridade, exemplo de bom gosto e perfeição em aspectos comuns do cotidiano corriqueiro. As vestimentas, bem como as porcelanas milenarmente veneradas, são um bom exemplo disso. Em 1759, por ordem do Imperador Qianlong, regras sobre o tecido, a forma, a cor, a decoração e os acessórios das túnicas da Corte, para a família imperial e para funcionários de todos os níveis, foram prescritas e registradas num livro ilustrado. O traje formal da Corte usado em cerimônias imperiais deveria obedecer à cor amarela, permitida somente ao imperador, à imperatriz e à imperatriz viúva, se houvesse. O Imperador, além de cumprir funções administrativas, combinava também funções sagradas, políticas e militares. Sua palavra era a lei. Era reproduzida em rolos de seda e levada em procissão ou correio especial, para todo o império. Em sua vida privada, deveria ser modelo das virtudes familiares tradicionais. Diariamente visitava a mãe, suas avós

reprodução

e as viúvas de seus antecessores. No verão, se dedicava a caçadas e atividades ao ar livre em sua residência no campo.

Aspectos filosóficos e religiosos

A religião chinesa se fundamenta essencialmente sobre a crença em um acordo mágico entre a ordem universal, no qual é mantido por um ritual, onde o imperador, supremo chefe de Estado, emite ordens. Como prolongamento de um estado muito antigo de crenças, esta religião, que não venera deuses personificados, submete o homem a poderes cósmicos administrados pelo Céu, soberano do alto; e este tem por mandatário o imperador, soberano da Terra. O culto aos antepassados contribui para a manutenção da harmonia universal, convertendo suas almas em energias propícias.

A moral desta religião prática, que é uma moral cívica, foi formulada no século VI pelo filósofo Confúcio, que inspirará todas as teorias estatais dos letrados posteriores. Engendrará um humanismo filosófico que é o princípio da civilização chinesa. Sem dúvida, a alma chinesa se viu solicitada por doutrinas místicas que desenvolveram seus instintos espiritualistas. O taoísmo, cuja fundação se atribui a Lao-Tsé, que viveu no século VI a.C., conduz a alma à renúncia do sensível para encontrar, no seu âmago, o princípio da sua essência pura, em concordância com o princípio de ordem universal: o Tão.

À alma da China, demasiado intelectualizada, o Budismo, introduzido na China sob a dinastia Han no século I, contrapôs uma religião de amor embasada na confiança, na misericórdia dos bodhisatvas: Maitréia, senhor da Luz infinita, dono do Paraíso, e Avalokitesvara, que se converteu na deusa Kuan-Yin, a infinitamente misericordiosa.

Este intelectualismo, seguido por um extremo refinamento das sensações, conduz os chineses a buscar, nas obras de arte, mais do que nenhum outro povo, a pureza das formas; uma fruição artística ideal, para um chinês, consiste em manipular um objeto de jade, cuja forma extremamente simples e de textura delicada, juntamente com o seu significado mágico, possibilite procurar para a alma uma espécie de êxtase que a afaste do mundo das aparências.

* A exposição foi visitada pelos alunos do Curso de Licenciatura Plena em História, sob orietação da professora Eliane Marquez.

issuu-downloader.com